

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA, LEITOR*

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i33p242-253>

João Alexandre Barbosa¹

NÃO HÁ NINGUÉM mais uspiano do que João Alexandre Barbosa (Professor Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada, foi Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Presidente da Editora da Universidade e Pró-Reitor de Cultura e Extensão) e, no entanto, ninguém menos paulistano do que ele. O fluxo de sua fala revela muito daquele narrador oral presente no Nordeste, no Recife de sua infância e na literatura de cordel reaproveitada por Ariano Suassuna, seu conterrâneo. Essa capacidade de contar histórias foi o que a entrevista, realizada no dia 05-07-95, procurou registrar. A conversa girou em torno da pós-graduação em Letras, seus problemas e qualidades, mas o tema central foi mesmo o da paixão pelos livros. Como ele mesmo diz, o livro é sua vida, por isso, falar de literatura como faz João Alexandre Barbosa é sempre falar com paixão de algo que nos diz respeito profundamente. Não por acaso, a metáfora básica de sua produção teórica é a da “leitura do intervalo”, uma leitura *en abîme*, capaz de pegar o pulo do gato, o momento de “sutura” da literatura e da história. As vertentes principais de seu estudo são a historiografia crítica (José Veríssimo, Augusto Meyer, ...) e a poesia, por concentrar, mais que a prosa, a tensão entre representação e realidade. Daí ser o poeta-crítico Paul Valéry aquele que melhor sintetiza a paixão literária desse crítico-leitor. A obra de João Alexandre Barbosa dribla o impasse da crítica ao buscar compreender o presente, através, por exemplo, do estudo da poesia de João Cabral de Melo Neto e do diálogo com os poetas do concretismo, que ele mesmo (num texto comemorativo) nem sabe se chegou a existir. Mas João Alexandre Barbosa existe. E o que pudemos confirmar.

* Entrevista e depoimento concedidos à Marília Librandi Rocha. Originalmente publicados na revista *Magma*, n. 2, p. 11-23, São Paulo, dez /1995. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1769.mag.1995.80719>

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

M*agma*: Eu gostaria de conversar um pouco sobre a pós-graduação. Pedem-se de todos os lados, principalmente com relação à política das bolsas, que o mestrado seja simplificado. O problema é que nós, alunos, entramos com expectativas muito grandes de pesquisa, querendo esgotar o assunto, escrever o máximo possível, e é muito difícil limitar essa expectativa. Como é que o Sr. vê essa divisão mestrado, doutorado?

João Alexandre Barbosa: Olha, Marília, vamos por partes. Eu acredito que, na nossa área, aquele que queira fazer mestrado ou doutorado, antes de mais nada deve ter um interesse vital com relação à literatura. Não deve ser uma coisa fabricada unicamente em função do grau. Eu sempre achei isto e cada vez mais acredito nisto, quer dizer, na pessoa que gosta de ler e que de repente quer dar uma certa dimensão universitária a isso. Eu digo isto fundado na minha própria experiência. Eu não tive cursos regulares de Letras, como o Antonio Candido não teve. No meu caso, ser professor de literatura foi decorrência de ser leitor. Um leitor que anotava, fazia fichas; depois eu fui vendo que isso poderia ser transmitido aos outros.

M: Está aí algo que eu gostaria de saber, porque o Sr. fala muito da questão da leitura em seus trabalhos. Quer dizer, aquilo que o Sr. fala de Augusto Meyer como sendo um “leitor voraz” parece que tem muito a ver com o Sr. mesmo.

JAB: A leitura para mim sempre foi uma paixão, inclusive pelo livro enquanto objeto. Inclusive, no curso de Introdução aos Estudos Literários, na Faculdade, cheguei muitas vezes a dizer que eu imaginava que uma matéria que devia ser obrigatória para os estudos de Letras era uma matéria que ensinasse os estudantes a procurar livros em sebos. Além de procurar livros em livrarias e bibliotecas, fazer uma relação dos sebos existentes na cidade. Bom, eu estou lhe dizendo isso porque eu acho que a pessoa que vai fazer um mestrado ou doutorado em literatura, e sobretudo em Teoria Literária, tem de ter esse interesse básico pelo livro, pela leitura. Você está fazendo Teoria Literária e Literatura Comparada para quê? Para intensificar, aprofundar o seu gosto pela literatura, pelos problemas que a literatura suscita, pelas diferenças de opiniões, de métodos.

Eu, desde muito jovem, quando comecei a ensinar, sempre me preocupava com uma questão que até hoje não resolvi, e que eu acho que é perene. Isto é, *quando você ensina literatura, você ensina um método ou um gosto?* Quer dizer, eu acho que um determinado método pode ser ensinado, mas o ensino desse método só é realmente eficiente se estiver fundamentado no gosto.

M: Uma vez eu li um artigo de um psicanalista francês que discutia o porquê da frequente contestação dos alunos com relação ao ensino na França. Ele dizia que, por mais reformas de currículo que fossem feitas, o problema da insatisfação não seria resolvido, porque, na verdade, o que o aluno realmente deseja aprender é a mesma paixão que o professor tem pelo objeto do saber, e que isso não é mensurável, não vai ser uma reforma de currículo que vai resolver...

JAB: Exatamente. Aliás, nos debates sobre reforma de currículos de Letras, eu sempre defendi a opinião, que parecia heterodoxa, de que devia ter um número menor de aulas para que os alunos pudessem ter tempo de ir às bibliotecas. De vadiar nas bibliotecas, vadiar entre aspas, mas que é fundamental, não é? Você entra na biblioteca para buscar um livro e sai com três, porque de repente aquilo lhe interessa.

M: Aliás, o Sr. é do tipo que lê muitos livros ao mesmo tempo?

JAB: Ao mesmo tempo. E defendo essa tese. Essa história de ler só um livro não dá. Eu acho que ler vários livros ao mesmo tempo é isomórfico ao próprio processo de leitura, que é sempre intertextual mesmo. Você está lendo uma coisa, está lembrando de outra e assim por diante. E claro que, quando vai fazer uma tese, você tem, às vezes, de se abster, senão não termina nunca. Então eu acho que a pós-graduação tem esses princípios básicos. Agora, existem problemas de ordem técnica, que parece que o nosso departamento vem tentando resolver, como os cursos de grandes obras, grandes autores. Isso é importante e é muito antigo.

O que eu acho é que todos os cursos, que em geral têm apenas a graduação e a pós-graduação, deviam ter aqueles estágios intermediários, que são muito importantes. A experiência americana mostrou isso. Por exemplo, doutorado sem tese. E claro que tem um peso diferente daquele que tem tese, para o comércio, digamos assim, do professor dentro da universidade. Mas é interessante porque nem todo mundo deveria ser obrigado a escrever, nem todo mundo tem jeito para escrever. Para mim uma das grandes tragédias, às vezes tragédia mesmo, é o fato de que o aluno que faz a pós-graduação, depois de fazer todos os cursos, todas as leituras, tem de se transformar num escritor. E muitos não são. São excelentes professores, mas não escritores. Eu me lembro de que a tese de

doutoramento de Paulo Emílio Sales Gomes foi feita tardiamente. O professor Antonio Candido insistia com ele para que fizesse e ele dizia que não tinha jeito, ele não gostava de escrever tese. O professor Rui Coelho era um grande professor, mas escreveu pouquíssimo. Quer dizer, as pessoas não são obrigadas a serem escritores, mas o aluno é. Isso eu acho problemático.

A universidade a meu ver sofre de grandes ausências, de grandes vazios. Por exemplo, ela ainda não foi capaz de criar, na nossa área, o contexto para absorver pessoas que não são professores, que não gostam de ensinar, mas de pesquisar. Então, ou são professores *malgré eux*, apesar de si mesmos, sofrendo o tempo todo, ou são escritores obrigados. Grandes crises na universidade decorrem disso. Não vejo por que obrigar a pessoa a escrever.

M: Eu sei que não existe uma receita, mas, quando o Sr. lê uma tese de mestrado ou doutorado, o que é que lhe agrada?

JAB: Olha, Marília, eu acho que numa tese, seja de mestrado, seja de doutorado, se você encontrar duas ou três ideias, já é ótimo. Eu não estou exagerando, quer dizer, duas ou três maneiras novas de ver coisas no autor, realmente novas, que descubrem, inventam, porque a crítica é também uma invenção, a meu ver sobretudo uma invenção de metáforas. O sujeito consegue inventar uma metáfora e escreve o seu texto: ou ele começou pela metáfora e escreveu o texto ou ele escreveu o texto e descobriu a metáfora. Eu sempre gosto muito de citar o Augusto Meyer, porque para mim ele é um grande inventor de metáforas.

Então, o que eu gosto numa tese é isso, quando vejo que o sujeito foi capaz de pegar um aspecto, porque você nunca pode imaginar que vai fazer tudo de novo. Se você voltar ao passado, vai encontrar alguém que já o disse. O progresso do conhecimento, na nossa área, se faz por esse tipo de invenções sucessivas que vão iluminando o texto. E isso que nós chamamos de textos perenes, análises que vão continuar, os clássicos da crítica.

M: Eu estava lendo ontem uma entrevista do João Cabral dada em 1989 para a revista *34 Letras*, e tem um momento em que ele comenta que encontrou um psiquiatra espanhol (López Ibor) que fala da questão do medo da morte...

JAB: E depois ele fez um poema...

M: E ele diz que esse psiquiatra colocou que a morte social, a miséria que estava retratada em seus poemas, na verdade ele estava era falando da sua própria morte, e o João Cabral concordou.

Madrid, novecentos sessenta.
Aconselham-me o Grão-Doutor.
"Sei que escreve: poderei lê-lo?
Senão tudo, o que acha melhor."

Na outra semana é a resposta.
"Por que da morte tanto escreve?"
"Nunca da minha, que é pessoal,
mas da morte social, do Nordeste."

"Certo. Mas além do senhor,
muitos nordestinos escrevem.
Ouvi contar de sua região.
Já li algum livro de Freyre.

Seu escrever da morte é exorcismo,
seu discurso assim me parece:
é o pavor da morte, da sua,
que o faz falar da do Nordeste."

("O exorcismo", *in Crime na Calle Relator*)

Parece que os alunos (de pós-graduação) têm um pouco de receio desse tipo de colocação, porque, se essa afirmação fosse feita numa tese de mestrado ou de doutorado, a sensação que eu tenho é de que não seria aceita. Seria colocada ou como um psicologismo barato, ou como um impressionismo crítico. Quer dizer, existem certos tabus, a objetividade da "ciência" da literatura impede esse tipo de audácia, uma certa castração intelectual...

JAB: Concordo inteiramente com você. Eu sou completamente contrário a isso. Quando se começa a falar de literatura, do estudo da literatura como ciência, eu já fico um pouco arrepiado. O que existe é você conhecer certos instrumentos que são básicos, evidente, mas falar de ciência eu acho um passo muito grande. Eu não diria só na literatura, mas na nossa área de humanidades.

Um outro problema que eu acho sério é começar a leitura do texto literário pela interpretação. Isto eu acho um absurdo. O leitor tem de se abrir ao texto em toda a sua integridade, tem de reconstituir o texto, ler o que o texto diz, e ver o que ele, como leitor, pode trazer ao texto, porque ele nunca é uma página em branco, ele tem memórias de outras leituras, da existência, não é? Esta interação é básica e só depois é que surge a interpretação. São leituras completamente orientadas, para não dizer desorientadas, que fazem o texto dizer de antemão alguma coisa. Aí eu acho empobrecedor.

Quando eu falo em interpretação, parece que estou dando importância a conteúdos, mas também do lado da análise linguística pode

haver reduções desse tipo. Há casos ridículos. Eu me lembro do professor Salum, um humanista, um filólogo, que tinha uma certa ingenuidade, que aliás eu acho que é característica desse tipo de homem. Mas o Salum, numa tese de Linguística, de Filologia, eu estava com ele na banca – e a pessoa usava esquemas, sinais, setas; uma tese tida como moderna mas que na verdade não era –, e o Salum disse: “Olha, eu, depois de ler a sua tese, fiquei com a impressão de que seria capaz de consertar um televisor, mas de linguística eu não entendi nada” [risos]. Então é isto. A mesma coisa com a literatura, *sobretudo* com a literatura.

M: Um dos movimentos que a gente percebe nas faculdades de Letras é que a crítica literária foi adquirindo uma tal importância, uma tal dimensão, que hoje em dia nós, alunos de Letras, acabamos lendo muito mais crítica literária do que literatura. Aí eu me pergunto, por um lado parece uma aberração, mas por outro também não estaria indicando que a crítica literária é um gênero da literatura?

JAB: É verdade. Eu acho que as duas coisas não são incompatíveis e é óbvio que, se a pessoa se interessa por um texto, um autor, vai ler o que se escreveu sobre ele. A mesma coisa no campo da biografia. Todo mundo recusava a biografia, não vejo por quê.

M: Aliás, o Sr. escreveu um artigo muito bonito comentando a biografia de Dostoiévski, escrita por Joseph Frank, e que é um gênero de pesquisa muito pouco praticado aqui no Brasil, não é?

JAB: É claro. Eu agora, semana passada, li um artigo sobre o último volume que já saiu, o quarto volume da biografia de Dostoiévski, que eu estou lendo. O diz que essa biografia é fundamental para o conhecimento da obra de Dostoiévski, porque o autor fez o caminho inverso. Ele vai da obra ao homem, e é um caminho importantíssimo, que esclarece um monte de coisas. Eu não vejo razão para evitar isso. Se ele fizer daquilo um instrumento de explicação, de valoração da obra, aí é outro problema.

Dos autores que eu gosto, que fazem parte da minha biblioteca imaginária, ideal, eu leio tudo o que publicam a respeito. Paul Valéry, por exemplo, que teve uma existência absolutamente discreta, há coisas na vida dele, como pintor, frases que ele disse, que são importantes para a compreensão de outros aspectos. Mas biografia do Valéry não existe. Eu me lembro, por exemplo, de que foi publicado um livro sobre Machado de Assis por uma senhora – na verdade era uma entrevista – que era da *entourage* do Machado. Ela escreveu um livro chamado *Machado de Assis que eu vi*. Isso é muito interessante. Outro fato interessantíssimo foi relatado num livro por um francês que esteve com Borges até os últimos momentos, e que conta uma coisa fantástica. Antes de morrer, conversando com ele,

de repente, o Borges falou: “Em que língua eu morrerei?” E começou a dizer o Padre Nosso em saxão, depois traduziu do saxão para o inglês (isto morrendo) e acabou dizendo o Padre Nosso em espanhol! Enfim, trata-se de um biografema que é emblemático da obra do Borges.

A literatura brasileira precisa de biografias, de edições críticas, e isso está por fazer. Voltando um pouco ao nosso assunto, eu acho que a área de Teoria Literária e Literatura Comparada devia promover muito isso. Eu estava relendo a *História da Literatura Brasileira* de Veríssimo e, numa nota de rodapé, falando sobre Gregório de Matos, ele diz mais ou menos assim: “A sua tese (a tese de Gregório) de Direito canônico, defendida em Coimbra, em latim, se encontra na Biblioteca Nacional, onde a vi”. Eu não me lembrava disso. Será que a Biblioteca Nacional ainda tem a tese em latim de Gregório de Matos? Por que não se traduziu isso? Por que não fazer uma edição, com notas, de um poeta fundamental da literatura brasileira do período colonial? Quer dizer, são assuntos que estão por ser feitos. A edição crítica do Machado de Assis, por exemplo, nós não temos, imagine! São trabalhos menos compensadores em termos de sucesso na mídia, mas que têm o maior interesse para o progresso dos estudos literários.

M: O Sr. não acha que isso teria um pouco de correspondência com a distância entre biografia, entre a vida do escritor, do poeta, e mesmo do crítico, e a Teoria Literária? Não revela um pouco o distanciamento que é cobrado pelos poetas e escritores, de que a universidade fica isolada do próprio contato com quem está vivo hoje em dia?

JAB: Agora, eu acho que, se há culpa nisso, e eu não gosto de falar em culpa, mas se há, eu acho que está dos dois lados. Do ponto de vista da universidade, dos professores que escrevem sobre literatura atualmente, é muito difícil lê-los. Hoje, eu estou aproveitando um pouco meu tempo para ver se escrevo de uma maneira mais ampla, que consiga atingir, falando coisas que interessam sem banalizar. Eu acho que esse é um esforço que a universidade, sobretudo na área de literatura, deveria fazer. Há artigos, resenhas de professores que são ilegíveis, parece uma linguagem de tribo. Todo mundo ali da tribo deve entender, mas o leitor... Por outro lado, existem certos eventos que se promovem, completamente “marqueteiros”, de *marketing*, e os autores topam porque sabem que vão vender os seus livros, e você sente quando é isso. Mas às vezes não. Eu me lembro de que fui grandemente responsável por algumas vindas do Osman Lins à Faculdade, mas era uma coisa séria, era para discutir o seu livro, o processo de criação. Da parte dele havia esse interesse em ouvir, claro que tinha também o interesse de ser conhecido pelo leitor potencial. Isso pode ser feito de forma séria, é uma questão de querer.

M: Por outro lado, os professores, os críticos, são sempre tachados de “os improdutivos”, “os parasitas”, aqueles que não criam... quando na verdade tanto a crítica literária é um gênero importantíssimo a ser lido nesse diálogo, como há muitos professores-escritores dentro da universidade.

JAB: Agora, o aluno muitas vezes fica perdido nisso tudo. Ele não sabe como empregar a sua vontade, o seu esforço. Na Editora da Universidade, eu procurei criar um espaço, que eu espero que continue, para os alunos trabalharem. Eu consegui bolsas para alunos de Letras, Jornalismo e Editoração, que faziam estágio para ver como se faz um livro, quer dizer, pôr a mão na massa. Acho isso importante porque faz o aluno conviver com coisas concretas dentro da universidade. Fazer os alunos trabalharem na biblioteca e também nas livrarias, ajudando os funcionários na organização dos livros. Na pós-graduação nós devemos construir esses espaços de atuação, e eu não vejo por que seria impossível. Eu tive experiências concretas da possibilidade disso.

Quando eu era diretor da Editora, eu levantei no Conselho Universitário a questão das obras raras, dos séculos XVI, XVII e XVIII. Eu tomei a palavra e disse: “Não sei se os colegas sabiam que a Universidade tem obras raras?” Eu terminei de falar e ninguém disse nada, ficou um silêncio sepulcral, como se eu tivesse vindo de Marte. Recentemente eu fui à Faculdade de Direito e lá as obras raras estão numa sala, em cima de uma mesa. Livrinhos pequenos de Direito, do século XVIII, em edições interessantíssimas. Se você entrar e colocar no bolso, sai, e ninguém percebe. Obras que não estão nem catalogadas. Aliás, o primeiro catálogo, correspondente ao século XVI, já devia ter saído. Então, eu acho que são espaços de trabalho em que os alunos de Letras podem ser empenhados. Não é só ficar ouvindo o professor discursar sobre a teoria. Claro que tem interesse, mas não é só isso. O aluno teria de participar desse conjunto maior de atividades, porque senão ele vai ficar como um funcionário numa escolinha qualquer, que chega para ter aula, e pronto.

Outra coisa que ocorre muito aqui na Universidade de São Paulo é o caso do professor que procura as editoras mais famosas, e depois que é recusado em todas procura a Editora da Universidade. Uma vez, um colega nosso de Letras falou: “Eu levei o meu livro para a Companhia das Letras, o Luís (Schwarcz) disse que não tinha dinheiro; levei também na Brasiliense e agora estou trazendo para o senhor”. Então eu falei: “Nem adianta, eu não quero não. Por que eu vou publicar o resto, rapaz? Não faça isso!” Nos grandes centros, você procura primeiro a sua Editora, que está ali na esquina.

M: Professor, como surgiu, qual a gênese da sua paixão pela literatura? Foram leituras de infância, o ambiente familiar?

JAB: Não, não foi não. Eu, desde criança, sempre tive muito interesse por histórias, história oral, ouvir histórias, contar histórias, mentir, não é? Agora, eu sempre fui muito bom aluno, nunca fiz curso primário. Meu pai era um homem muito rico, morávamos numa casa de meados do século XIX. Meu pai era comerciante, industrial. Nós tivemos sempre uma preceptora, que nos preparava para fazer a admissão. Nunca fui à escola primária e sempre fui muito bom aluno. Estudava, tirava boas notas, e desde muito cedo imaginei que devia ser alguma coisa ligada ao Direito, porque o que havia era o seguinte. No Recife de meu tempo só existiam três grandes faculdades: Direito, Medicina e Engenharia. Eu tinha um amigo que dizia: “Se você gosta de Matemática, você faz Engenharia; se você gosta de Biologia, você faz Medicina; se você gosta de ler Machado de Assis, você faz Direito” [risos]. Então eu fiz Direito, mas não para ser advogado, para ser diplomata. Minha ideia era fazer Direito no Recife e depois ir para o Rio fazer o (Instituto) Rio Branco. Fui fazendo minha vida assim.

Meu pai era de uma generosidade imensa, todo livro que eu queria ele me dava. O maior lugar da casa era minha biblioteca. Eu queria ler Dostoiévski, ele comprou toda a edição da José Olympio. Balzac, Graciliano, a Coleção Jackson do Machado de Assis, a Coleção Clássicos Jackson. O primeiro livro que eu li foi um livro dessa coleção que meu pai comprou e eu lembro que pensei: “Eu tenho de ler”. Aí eu escolhi um livro chamado *Ciropedia*, de Xenofonte, e eu quase que morro, não entendia nada, era um horror, mas eu dizia: “Eu tenho de ler senão estou desgraçado”. E eu li. Então, minha formação de leitor foi um pouco por essa vontade própria e contei sempre com a enorme generosidade da parte de meu pai, que nunca me negou nada em termos de livros, nem fez nenhum tipo de censura. Muito jovem eu li *Eça de Queirós*. Às vezes eu lia muito os escritores portugueses, porque meu pai era português.

Para mim foi também muito importante o contato que eu tinha com um grupo de Recife; chamava-se “O Gráfico Amador”, que era isso mesmo, como o próprio nome diz, uma gráfica que imprimia amadoristicamente e que teve origem com o João Cabral. Foi ideia de João Cabral que, em Barcelona, fazia seus próprios livros. Tinha o Aluísio Magalhães, o Ariano Suassuna, Sebastião Uchôa Leite, José Laurênio de Melo. Toda semana nós nos reuníamos para conversar, contar mentiras, jogar conversa fora, e ler livros. O mais importante que houve nesse grupo em termos de livro era Orlando da Costa Ferreira, que eu considero um grande mestre meu. Ele deixou um livro chamado *Imagem e Letra*, sobre a gravura no Brasil, que foi muito mal publicado na época e que eu tive a glória de, antes de sair da Edusp, fazer a reedição. Mas esse grupo terminou com o golpe de 64, porque era uma coisa muito suspeita, uma casa numa rua do Recife, uma gráfica fazendo livros, imagine! Nós tivemos de vender as máquinas e tal.

Mas “O Gráfico” chegou a fazer coisas incríveis. Fez a primeira edição de um poema do Drummond chamado “Ciclo”. Drummond escreveu uma crônica que fala sobre “O Gráfico Amador”, e ele termina assim: “‘O Gráfico’ existe?” Realmente parecia não existir, parecia uma coisa de sonho. Imagine que “O Gráfico” foi louvado numa página do *Times* de Londres. Steven Morrison, que era um dos maiores gráficos do mundo, escreveu uma resenha elogiando as edições. Esse grupo foi importante para mim, na minha formação, inclusive porque passava pelas diversas artes – pintores, poetas, romancistas, teatrólogos, cada um com o seu estilo.

M: O Sr. já se aventurou pela poesia, pela literatura?

JAB: Você sabe que eu escrevi contos; só publiquei um, quando era aluno da Faculdade de Direito. Publiquei-o na revista dos alunos da Faculdade do Recife, chamava-se *Os hieróglifos* [risos]. A revista saiu de manhã. Quando foi à tarde, eu estava na biblioteca da faculdade, estávamos eu e minha atual mulher, éramos já namorados, e apareceu um colega nosso, que era muito sarcástico, e disse: “Li o seu conto... É igualzinho ao Faulkner”. Aí eu desisti de escrever [risos]. Eu era um leitor empedernido na época do Faulkner, gostava muito, ainda gosto, muita gente não fala hoje em dia do Faulkner, mas eu lia muito... e certamente ele tinha toda razão, era mais um plágio do Faulkner. Poesia, eu fiz algumas coisas, publiquei uma numa revista de vanguarda aqui de São Paulo, chamada *Corpo Estranho*. Eu publiquei um texto, graças aos amigos que o tiraram da minha mão, chamado “T. S. Eliot lendo Dante”, era uma brincadeira....

M: Uma poesia falando de leitores...

JAB: Exatamente. Era uma brincadeira com a teoria crítica do Eliot. Mas nunca fiz nada mais projetual.

M: No entanto, seu filho (Frederico Barbosa) é poeta, não é?

JAB: Meu filho é poeta. Eu acho, embora eu não seja a pessoa para lhe dizer isto, acho muito bom. Inclusive no último livro dele, *Nada Feito Nada*, tem um poema, “Certa biblioteca pessoal”, dedicado a mim, que trata da leitura que ele fez na minha biblioteca. Me agrada muito, acho que ele encontrou o alvo. Era a maior homenagem que ele podia me fazer, mostrando como foi descobrindo alguns livros da biblioteca que acabaram se transformando no paideuma dele. O Poe, o Joyce, o Pound, os Campos, Pessoa.¹

¹ Cf. a transcrição do poema na seção Criação, da revista *Magma*, n. 2, p. 102-10. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1769.mag.1995.80740>

M: Professor, uma última pergunta, como é seu processo de escrita? Quer dizer, para o Sr. a escrita flui ou é um processo sofrido, demorado?

JAB: Vou lhe falar uma coisa que não é nenhum acesso de falsa modéstia. Eu realmente não me considero um escritor, eu me considero um leitor, sempre me considereirei assim. Quer dizer, mesmo quando eu escrevi com mais continuidade nos artigos de jornal, eu me considerava um leitor que tomava notas e publicava suas notas. Mas escritor, não. Isso é importante que se diga logo. Agora, na verdade, o que eu tenho escrito é muito sofrido. Eu sou uma pessoa que tem muita dificuldade. Aliás, quando eu digo isso a alunos, colegas, eles acham graça, não acreditam, acham que eu escrevo com facilidade. Às vezes, até posso dar essa impressão.

M: Lendo seus textos, a gente percebe que são extremamente arquitetados, construídos mesmo, e apesar de toda densidade e concisão não são textos truncados, pelo contrário, é uma leitura que flui, por isso a pergunta.

JAB: Mas eu tenho muita dificuldade, de tal maneira que, depois que me aposentei, estou tentando reaprender a escrever. Uma lição para mim é clara: eu só quero escrever tendo o que dizer e tentando dizer isto com a maior clareza que eu puder, o que é uma enorme dificuldade, porque normalmente você tem o que dizer, mas, no momento em que começa a pôr isso no papel ou na telinha do computador, você vê o quanto é difícil dizer exatamente o que quer. Então, atualmente meu esforço é nesse sentido, não sei se a gente pode chamar de processo, mas esse seria o meu processo de escritura hoje. Eu não gosto de simplismos, eu gosto de pensar as coisas de alguma complexidade, densidade, mas não quero que essa densidade prejudique a visibilidade, a legibilidade. Estou cada vez mais aprendendo a fazer isso. Então, para completar, para mim é básico o assunto, quer dizer, isso eu já decidi na minha vida: não escrever nada sobre o que eu não goste. Para você ter o que dizer, você tem de ter interesse, tem de gostar. Esse é o meu processo, mas é um processo muito complicado, muito difícil, e se você me perguntar mais fundamente, eu diria que prefiro ler. A leitura para mim é a paixão, a vida, sempre vivi para isso. Não me incomoda em nada que alguém diga que eu sou mau escritor ou que eu não escrevo, agora, dizer que eu não sou leitor, aí me incomodaria. Eu leio o que posso e gosto de livro como objeto. Não desprezo o CD-ROM, mas tenho pelo livro uma paixão muito grande. Atualmente, tenho um *Aurélio* eletrônico que pode ser muito rápido se você consegue botar direito para funcionar, mas eu acho que o prazer de folhear o *Aurélio* é absolutamente indispensável, não é substituível.

Eu me lembro de que uma vez encontrei, num sebo em Belo Horizonte, o Guilhermino César. Era de manhã e estava fazendo um dia

muito bonito de sol. Eu estava lá com minha mulher e, de repente, o Guilhermino apareceu. Ele era muito engraçado e disse: “Vocês são doentes, nós somos doentes, olha aí o mundo cheio de sol lá fora, o dia tão bonito, e aqui dentro cheirando a livros! Isso é uma doença...” Talvez seja realmente. Enfim, essa é minha história com relação ao processo de escrita: no fundo eu me declaro um leitor. Até tenho pensado que, quando você escreve artigo para jornal, eles têm o hábito de botar embaixo o que você é. Então você põe professor, ex-diretor, ex-pró-reitor, ex-isso ou aquilo. Eu tenho vontade de reduzir tudo a isto: leitor.

Bibliografia principal de João Alexandre Barbosa

- João Francisco Lisboa – Trechos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- Tradição do Impasse: Linguagem da Crítica e Crítica da Linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.
- A Metáfora Crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- Imitação da Forma: uma Leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- Org. VERÍSSIMO, José. *Teoria, Crítica e História Literária*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.
- Opus 60. Ensaios de Crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.
- Ilusões da Modernidade: Notas sobre a Historicidade da Lírica Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- Org. VERÍSSIMO, José. *Cultura, Literatura e Política na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- Org. MEYER, Augusto. *Textos Críticos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- A Leitura do Intervalo. Ensaios de Crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- Sel. JAKOBSON, Roman. *Poética em Ação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- Org. VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

João Alexandre Barbosa ingressou em 1955 na Faculdade de Direito do Recife. Em 1960, tornou-se o editor-chefe do *Suplemento Literário* do *Jornal do Commercio* da cidade. Em 1963, dedicou-se à criação do curso de Teoria Literária da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco. Em 1964, mudou-se para a capital federal, onde trabalhou como professor de Teoria Literária na Universidade de Brasília, invadida pelo exército no ano seguinte. Desligado da UnB, mudou-se para São Paulo em 1966, tornando-se professor titular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Em 1988, assumiu a direção da Editora da USP, alterando o panorama editorial brasileiro. Em 1989, foi eleito diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e, em 1990, ocupou o cargo de pró-reitor de Cultura e Extensão da USP, tornando-se responsável pela criação do Programa Nascente, para a premiação de atividades artísticas da comunidade acadêmica, do Cínusp Paulo Emílio Gomes, espaço dedicado à exibição cinematográfica, e da Comissão de Patrimônio Cultural da Universidade. Foi autor de importantes estudos sobre a obra de poetas e escritores nacionais, como Murilo Mendes, Augusto Meyer e João Cabral de Melo Neto. Entre 1997 e 2002, assinou as colunas “Entre Livros” e “Biblioteca Imaginária” da revista *Cult* e, no ano de 2003, assumiu a seção “Letras Arquivadas”, do jornal *Gazeta Mercantil*. Faleceu em 3 de agosto de 2006.